

## O projeto do Dicionário *histórico-crítico do marxismo\**

WOLFGANG FRITZ HAUG\*\*

Em primeiro lugar, quero agradecer muito cordialmente às duas grandes Universidades de Madri, a Complutense e a Autônoma, que me ofereceram a possibilidade de falar aqui sobre o *Dicionário histórico-crítico do marxismo* (DHCM).<sup>1</sup> Meu agradecimento dirige-se em especial a meus dois colegas, Montserrat Galcerán e Pedro Ribas, que apóiam o projeto como coordenadores e autores.

### Um prelúdio de 300 anos atrás

“Haveria que explicar mil coisas neste [prólogo], mas como não poderia fazê-lo sem uma prolixidade que cansaria os leitores, acho melhor conter-me que cansar demais a sua capacidade de agüentar.”

Tal cortesia convém ao responsável por um dicionário em seu trato com o público. Isto nos ensinou ninguém me-

nos que Pierre Bayle, a quem devemos o primeiro dicionário histórico-crítico. Assim começa, com efeito, seu prólogo de 1696.

Gostaria de começar imediatamente com seu primeiro ponto, que serve como uma luva para a obra que hoje temos que apresentar.

“Declaro, em primeiro lugar, que esta obra não é de modo algum a que eu havia prometido no projeto, anteriormente publicado, de um dicionário crítico.”

“Erreurs” e “fautes” constituem categorias-chave: erros e falhas. “J’avois dessein de composer un Dictionnaire de Fautes.” Mas seria pedante ir caso a caso: há demasiadas falhas carentes de interesse. Por isso recorreu a uma “nouvelle économie” dos artigos. Estes começam com o que pode ser historicamente resu-

\* Tradução de Isabel Loureiro a partir da versão espanhola de Pedro Ribas e Montserrat Galcerán.

\*\* Professor do Instituto de Filosofia da Universidade Aberta de Berlim, Alemanha.

<sup>1</sup> *Historisch-kritisches Wörterbuch des Marxismus*, dir. por W. F. Haug. Hamburg, Argument Verlag, 1994 ss.

mido, ao que se acrescenta, numa segunda parte, comentários, correções, opiniões que existiram até o momento e, às vezes, reflexões filosóficas.

### Descrição do DHCM

Já faz tempo estão integrados o crítico e seu exame: “histórico-crítico” é uma expressão corrente da prática editorial. Porém, em relação ao marxismo, em virtude de sua queda, essa expressão adquiriu uma atualidade que provém do conteúdo.

Começamos pela descrição exterior do DHCM: O dicionário está projetado para ter 15 volumes, dos quais já se publicaram três com cerca de 3.000 colunas, e o quarto está sendo preparado para fins de 1999.<sup>2</sup> A obra está publicada em alemão e contém equivalentes terminológicos em árabe, inglês, francês, russo, espanhol e chinês. Trabalhamos com mais de mil e quinhentos verbetes. Nos três volumes publicados até agora, quase a metade dos autores é alemã; os demais vêm de várias partes do mundo, não só da Europa, EUA e Austrália, mas também da América Latina, Ásia e, inclusive, da África. O número de autores está se aproximando dos mil. A composição orgânica dos autores está mudando continuamente e a tendência é que a porcentagem de autores de fora da Alemanha seja cada vez maior. É uma obra global. A sede da redação está em Berlim, mas pela Internet e pelo correio eletrônico circula uma parte sempre crescente de informações, consultas e debates em torno do dicionário.

### Os verbetes

Trata-se de um dicionário de conceitos. As pessoas aparecem no máximo em relação com suas palavras-chave (assim, Althusser, com “aparelhos ideológicos de Estado; Brecht com “Verfremdung”, ou Mariátegui com “Socialismo indo-americano”); ou quando fundaram escolas ou “ismos”: “gramscianismo”, “idéias de Mao Tse Tung” etc. Trata-se de fatos históricos (Revolução Francesa) ou nomes de lugares simbólicos (Palácio de Inverno, Auschwitz), que figuram como eventos sobre os quais se multiplicaram os debates. Também se assumem conceitos polêmicos quando estão ligados a experiências e conflitos de relevância teórica. A isto se acrescenta o vocabulário da auto-crítica comunista e os conceitos de índole diagnóstica da perestróica, assim como o vocabulário dos novos movimentos sociais, assim chamados já faz vinte anos, sobretudo do feminismo e da ecologia, mas também da teologia da libertação etc.

O volume três, para falar do último publicado, trata de conceitos que (em alemão) começam com E. Esse volume contém 116 entradas, sete delas com mais de um artigo (por exemplo: “conjunto das relações sociais” em três artigos). Colaboraram 99 autores/as.

O aumento do conteúdo em um terço deve-se, em parte, a que alguns termos omitidos nos dois primeiros volumes foram recuperados sob outra denominação (Exclusão, em lugar de Ausschliessung, Existência, em lugar de Dasein) ou bem em outro contexto (Einzelnes, Besonderes, Allgemeines/ singular, particular, geral –,

<sup>2</sup> O volume 4, que cobre as letras F e G, saiu efetivamente no final do ano passado e pode ser encomendado, assim como os volumes anteriores, à Argument Versand, Reichenberger Str. 150, D-10999 Berlin. E-mail: versand@argument.de

em lugar de Allgemeines e Besonderes). Além disso, o E não é só a letra inicial mais freqüente do alemão, mas o é também de uma série de conceitos histórico-críticos, especialmente fecundos, do vocabulário político-teórico. Outro aumento provém do afinamento exploratório.

Se muitos verbetes procedem da linguagem filosófica (Ebene/nível, Einheit/unidade, Eklektizismus/ecletismo, Empirismus/empirismo, Entäusserung/exteriorização, Entwicklung/desenvolvimento, Entwurf/projeto, Enzyklopädie/enciclopédia, Epistemologie/epistemologia, Erfahrung/experiência, Erkenntnis/conhecimento, Erkenntnistheorie/teoria do conhecimento, Erscheinung/aparência, Ethik/ética, Evidenz/evidência, Existentialismus/existencialismo), outros provêm da política do século XX com suas catastróficas transformações (Ende der Geschichte/fim da história, Endlösung/solução final, Entkolonisierung/descolonização, Entmaoisierung/desmaoização, Entnazifizierung/desnazificação, Entstalinisierung/desestalinização, Entwicklungsländer/países em vias de desenvolvimento, epigonaler Stalinismus/estalinismo epigonal, europäische Integration/integração européia, Exterminismus/exterminismo, Extremismus/extremismo) ou especialmente da linguagem do movimento operário (Einheitsfront/frente única, Erster Mai/Primeiro de Maio, ethischer Sozialismus/socialismo ético) e da crítica das esquerdas (Etatismus/estatismo, Ethnozentrismus/etnocentrismo, Eurozentrismus/eurocentrismo), assim como da autocrítica das esquerdas (Erneuerung/renovação). Outros verbetes foram acrescentados em função da ecologia (Elektrifizierung/elettrificação, Energie/energia, Entropie/entropia, Erde/terra,

Exkrement der Produktion/excrementos da produção). Se pelas arbitrariedades do alfabeto os conceitos do movimento feminino e do feminismo receberam no terceiro volume um tratamento de madrastra, tais arbitrariedades favorecerão tanto mais o quarto volume, em que uma sexta parte das entradas é proveniente deste âmbito (porque Frauen/mulheres tanto como Feminismus e seus compostos começam, em alemão, com F).

Enquanto há termos como Emancipation/emancipação e Entfremdung/alienação que todos esperam encontrar, há outros cuja presença num dicionário do marxismo pode causar surpresa. Sobre tudo pode ser que esfreguem os olhos aqueles que tenham na memória os manuais de marxismo-leninismo. Alguns artigos se ocupam de categorias elementares do ser social (Egoismus/egoísmo, Einsamkeit/solidão, Elend/miséria, Essen/comer); outros, de questões relativas à relevância sociopolítica das práticas intelectuais (eingreifendes Denken/pensamento de intervenção, Elfenbeinturm/torre de marfim, Engagement/compromisso, Erbe/herança, Erinnerungsarbeit/trabalho de rememoração, ethisch-politisch/ético-político, Eule der Minerva/coruja de Minerva); outros, em contrapartida, de práticas estéticas (Einfühlung/empatia, episches Theater/teatro épico, Expressionismus-Debatte/debate sobre o expressionismo), ou então de categorias da filosofia do tempo ou da teleologia histórica (Eingedenken/recordatório, Entzauberung/desencantamento, Erinnerung/recordação, Erlösung/redenção, Ewigkeit/eternidade). Quem se orienta por representações do marxismo tradicional encontrará também conceitos desta índole (ehernes Lohngesetz/lei férrea dos salá-

rios, Eigentum/propriedade, einfache komplizierte Arbeit/trabajo simples complexo, einfache Warenproduktion/produção simples de mercadorias, einfache Zirkulation/circulação simples, Enteignung/expropriação, Extraprofit/superlucro); contudo, na maioria dos casos o DHCM presta-se a surpresas.

Podem-se descobrir não só verbetes inesperados como também filiações múltiplas. Basta ir aos lugares a que se é remetido ao final de cada verbete para ver surgir um mundo descentrado em que cabem muitos mundos.

### A história do projeto

Não é a primeira vez que um dicionário novo nasce do projeto de traduzir, adaptar ou completar outro. O dicionário mais célebre do Século das Luzes, a *Encyclopédie* de Diderot, nasceu de um projeto de tradução; o *Historisches Wörterbuch der Philosophie* de Joachim Ritter deriva de um projeto de revisão. O *Dicionário histórico-crítico do marxismo* tem sua origem na planificação de volumes adicionais a uma tradução. Eles foram anunciados em meu prefácio à edição alemã do *Dictionnaire critique du marxisme*, dirigido por Georges Labica e publicado em primeira edição em Paris em 1982, e em tradução alemã sob minha responsabilidade, em oito volumes, de 1983 até 1989. Paralelamente trabalhamos nestes anos preparando volumes suplementares que deviam completar o acento francês desta obra com outros acentos, especialmente alemães. Todas as correntes ligadas de algum modo a Marx foram convidadas nesta época. Quando o projeto se viu bloqueado entre o anátema dogmático e os melindres social-liberais da Alemanha de

então, na época formada por dois Estados, o projeto se internacionalizou e buscou em primeiro lugar, enquanto fosse possível, a cooperação de intelectuais do “Tricontinente” Ásia, África e América Latina. A forma de suplemento logo ficou limitada, mesmo que fosse só por razões formais, já que o volume dos suplementos havia crescido de tal maneira que superava a obra traduzida.

Ao mesmo tempo, existiam razões internas para começar de novo. Uma *problemática* nova, no sentido extenso, surgiu de uma configuração de campos de crise e de crítica. Os “limites do desenvolvimento” e outros problemas existenciais, aos quais se dedicaram os novos movimentos sociais, assim como também a imposição do modo de produção da alta tecnologia, conduziram a um deslocamento progressivo dos problemas. A “perestróica” soviética e, por tabela, o desmoronamento da União Soviética e o fim da ordem mundial que havia tido origem na Revolução de Outubro de 1917 e na vitória da aliança antifascista Leste-Oeste durante a Segunda Guerra Mundial, ativaram uma ruptura epistemológica e um deslocamento em direção a uma perspectiva histórica que empurrou o projeto do dicionário para uma concepção completamente nova.

### O específico em comparação com obras burguesas *standard*

Ainda que, do ponto de vista erudito, o *Historisches Wörterbuch der Philosophie* de J. Ritter constitua um modelo quase inatingível, a experiência de cotejar as “massas de saberes” de uma e outra obra incita à reflexão: não só não existem praticamente coincidências, mas é como se o *Dicionário histórico-crítico*

do marxismo falasse em meio a um silêncio absoluto que caracteriza o discurso daquela obra como burguês, da mesma maneira que romper o silêncio burguês mostra com clareza, precisamente, a necessidade do dicionário marxista.

### Intempestivo?

Após a interrupção do experimento comunista, poderia parecer que se ocupar de maneira histórica e crítica com algo que fracassou não poderia ter senão interesse arqueológico para o espírito de nossa época; como se o “marxismo ocidental” e a multiplicidade do marxismo científico e cultural dos intelectuais não existisse. Mas mesmo que assim fosse e “o marxismo” tivesse soçobrado realmente, permaneceria, contudo, como parte de nossa história. A ciência, a cultura e a política do século XX não podem ser compreendidas sem o desafio do marxismo e as reações diversas e antagônicas em relação a ele.

O anúncio de sua morte é prematuro. É verdade que a fusão histórica entre teoria marxista e movimento operário se dissolveu. Mas um projeto inacabado não pode morrer enquanto os problemas existenciais aos quais começou a dar resposta não tenham sido resolvidos ou tenham perdido importância. O pensamento marxista não é um fenômeno isolado nem sectário. Ele teve e tem sua origem no estudo prático e teórico de questões sobre a socialização humana e as relações com a natureza, os antagonismos e as crises. Essas questões concernem a todos. Os problemas não se resolveram e sua falta de solução se percebe, de maneira cada vez mais clara, como uma questão de sobrevivência da humanidade na “nave espacial Terra”, ainda que seu alcance tenha sido apenas compreendido.

Da mesma maneira como a história do cristianismo não acabou com a queda do domínio cristão, a busca teórico-prática de uma socialização solidária e respeitosa do meio ambiente não terminará com a queda do domínio comunista. E assim como a infinidade de crimes cometidos em nome do cristianismo não pode extinguir seu impulso ético, tampouco os cometidos em nome do socialismo poderão extinguir a substância ético-política da idéia socialista.

Joachim Ritter escreveu no prefácio ao primeiro volume de seu dicionário: “não se pode predizer que forma tomará um dia uma síntese nova e se esta está em jogo ou não”. É possível aplicar esta frase ao saber marxista no umbral do século XXI. Tampouco se pode predizer que elementos específicos dessa base e em que combinação serão retomados um dia.

Esse saber segmentado, tão lúcido quanto cego, sulcado por uma multiplicidade de antagonismos, com suas pretensões e suas experiências, suas suposições refutadas e seu potencial todavia presente, é o material imenso e intrincado do *Dicionário histórico-crítico do marxismo*. Entende-se que este não possa apresentar-se nunca de maneira exaustiva, e sim só em digressões, sempre de um ponto de vista limitado. Uma delimitação rigorosa não teria nenhum sentido já que esse saber se comunica especialmente com as tradições européias, e os cruzamentos entre este e o saber “burguês” sempre estiveram abertos, ainda que tenham passado, freqüentemente de maneira incógnita, de um lado para outro. A exposição de formas de pensar e de instrumentos conceituais e a reprodução de meios de pensamento permi-

tem conexões em todas as direções e mostram possibilidades de contato.

### **A significação do projeto histórico-crítico na situação pós-comunista**

A conjuntura histórica é ao mesmo tempo favorável e adversa ao projeto de um dicionário histórico-crítico do marxismo. O desmoronamento da censura estatal marxista é favorável à reflexão sobre o que aconteceu. Os arquivos estão abertos, as teorias abandonadas. Adversa, em contrapartida, é a atitude não-histórica dos “vencedores” no que se refere à história, que em grande medida equivale a apagar a memória social. A situação pós-comunista confere ao conceito do histórico-crítico incluído no título uma atualidade particular: do que se trata aqui, é, por um lado, da avaliação crítica (e autocrítica) das experiências históricas e, por outro, do exame científico, da investigação e do estudo crítico de um material enorme de pensamento. O olhar histórico e crítico na “biblioteca” labiríntica do saber marxista pode contribuir para uma desilusão benéfica: a memória crítica pode ajudar a erradicar o impulso à repetição cega.

O desmoronamento do marxismo-leninismo deixou, sobretudo, uma culpa histórica acumulada na memória dos povos. Esta se expressa em uma montanha de escombros enorme que ameaça enterrar sob ela, sem distinção, os elementos racionais daquilo que veio abaixo e os germes de futuro que contém os elementos irracionais e hostis à vida. Essa situação faz com que o esforço e a dor do negativo, na forma de uma crítica sem contemplação, sejam uma condição de sobrevivência para o pensamento marxista. Só assim se conseguiriam salvar

desse desmoronamento tesouros humanos como um saber esclarecedor e repleto de fantasia social. Somente a *crítica libertadora*, de que falava Walter Benjamin, é capaz, qual Arca de Noé, de transportá-los a outro tempo.

Uma crítica assim é também negativa, e pode ser dolorosa. Porém não pretende nunca se situar no silêncio, além do criticado. Ela se dirige antes ao interior da experiência histórica. No momento em que se ocupa dela, aceita-a também. Não pretende ter a última palavra, e sim romper com a mescla de silêncio sepulcral e triunfo míope.

A tentativa necessária de fazer justiça histórica ao criticado nem sempre terá êxito, e no entanto ela tem que ser empreendida. A atitude de onisciência que se adota depois de uma derrota não é necessariamente um melhor saber. Com frequência é só outra forma da incapacidade de corrigir-se. Uma simples mudança de campo após a catástrofe estatal socialista foge do processo de reflexão crítica responsável e cai na amnésia histórica.

Não é necessário recordar aqui exemplos de mudanças de opinião oportunistas após o fracasso da tentativa de reforma soviética. Já a desestalinização ofereceu exemplos nesse sentido. Quando Nikita S. Krushev denunciou em 1956 os crimes de Stalin – o que para o experimento comunista equivalia a uma “libertação condicional” que mais tarde, em 1968, com a repressão ao comunismo de reforma checoslovaco, permaneceu letra morta – Henri Lefebvre apontou que para os marxistas chegou a ser uma moda caçar das citações como “o caminho mais curto de um pensamento a outro”. E acrescentava: “Esta moda foi criada justamente por aqueles que antes nunca es-

creveram uma linha ou pronunciaram uma frase sem citar Stalin. Hoje ocultam sua ignorância e o vazio de seu pensamento de outra maneira”.

Sem memória social não pode haver experiência. Em tempos de “ruptura histórica” (Peter Glotz) um dicionário histórico e crítico adquire sentido, como órgão de memória, ao transmitir experiências de pensamento. Estas se formam no ato de “citar” de maneira histórica e crítica, não só os méritos brilhantes, mas também aquilo que expõe o vazio teórico do pensamento enamorado do poder.

### **Por que dicionário e não enciclopédia?**

O conceito de dicionário freqüentemente provoca mal-entendidos, sobretudo com os anglo-saxões, que costumam chamá-lo *A enciclopédia marxista*, porque para eles um “dicionário” dá definições em artigos breves que pretendem oferecer uma verdade simples. Lucien Sève pensava provavelmente em semelhante idéia quando, em *Une introduction à la philosophie marxiste* de 1980, escrevia: “La pensée marxiste est moins qu’aucune pensée une pensée de dictionnaire.” Tal idéia de uma verdade simples, que se dá sem esforço histórico-crítico, não se encontra nunca na estrutura dos verbetes de nossa obra. Além disso, os verbetes parecem pequenos ensaios.

O *Dicionário histórico-crítico do marxismo* tem, além de uma ênfase crítica e prática, baseada na experiência, uma forte ênfase filológica. Nos artigos, as citações conscienciosas e as referências permitem continuar trabalhando de maneira independente, ao mesmo tempo que oferecem fios de Ariadne para orientar-se nos labirintos da biblioteca, obtendo referências sobre as obras que

merecem uma leitura nova para desalojar o fetichismo da história. A história, ou as histórias, dos conceitos, com um uso e conotação múltiplos, têm um efeito subversivo contra seguranças falsas e sistemas de pensamento aparentemente sólidos.

Esta concepção, que não quer levar a uma visão fechada do mundo, porém a uma oficina aberta, se ajusta à estrutura de um dicionário de conceitos. Enquanto a idéia de uma enciclopédia parte da intenção de dispor dos círculos do saber encadeados entre si como se fossem os elos de uma cadeia, o dicionário filosofa com o martelo ao fragmentar os círculos de pensamento em conceitos singulares. Aqui não há nenhum sentido em forma de abóbada. A disposição imaginária deste tem que dar lugar à desconstrução da totalidade hermenêutica. A elaboração teórica da “gramática filosófica” pode contribuir para introduzir o saber marxista em uma nova modernidade iluminada pelo materialismo histórico que deixou para trás os mitos unitários do sujeito e do sentido, e que, justamente por isso, está em condições de retomar de maneira nova o projeto de uma teoria crítica da sociedade com uma perspectiva prática. Essa fragmentação parecia-nos justificar o título de dicionário histórico-crítico, em vez do de enciclopédia marxista.

### **Contradições**

Pois bem, o projeto do DHCM tem de suportar, ademais, uma série de contradições. Em uma entrevista esbocei da seguinte maneira estas contrariedades: “Uma obra internacional em uma língua nacional (...) uma autoria global que aspira a ser de mais de mil autores e um

pequeno suporte local (...) um esforço gigantesco e nenhum apoio financeiro pluralista com critérios unitários (...) democrático com normas de qualidade selecionada”. Se me tivesse sido permitido continuar, teria dito: o DHCM é uma obra política, que porém deve ser construída segundo a lógica “apolítica” de uma obra científica ou teórica, algo impossível sem uma atitude acadêmica plasmada em forma de seminários de discussão disciplinada, com uma atitude de incessante investigação simultânea. Semelhantes contradições exigem que saltamos o fosso entre a impaciência das esquerdas e a disciplina estrita. Algumas vezes isso ameaça afogar-nos.

Contudo mais perigos nos cercam: semelhante trabalho desenvolve-se em uma zona tabu sobre a qual há que refletir. Até cheguei a namorar a idéia de dar a esta minha intervenção um título inspirado em Adorno: “tabu acerca da realização do dicionário marxista”. E então, uma vez mais, se me imporia a total impossibilidade de levar a cabo nosso propósito. São dificuldades das condições nas quais trabalhamos, dos sujeitos que somos e daqueles a quem nós, como autores, implicamos, mas são, sobretudo, dificuldades da coisa mesma. E também não se pode esquecer a pretensão, a menos humilde, que uma obra assim se coloca – a de ser útil.

As tentativas, atuais e futuras, de aproximar-se de uma socialização mais sustentável nas relações com a natureza e de relações inter-humanas mais solidárias não só devem encontrar nesta obra um universo intelectual polifônico, mas também devem encontrá-lo preparado por ela. “Polifônico” quer dizer, aqui também, que se trata de um mundo – para

dizê-lo com as palavras dos zapatistas – no qual cabem muitos mundos. Contudo, aquele “lugar do qual provêm todas as respostas” só é possível se for submetido às circunstâncias da crítica histórica.

Isso soa mais promissor do que aquilo que a própria marcha permite. Socialização solidária como perspectiva de nosso trabalho não pode significar que em algum momento deixe de haver conflitos, nem que a equipe olímpica que pretendíamos ser confeccionando o dicionário não diminua em algum momento por causa do esforço. Além disso, para submeter à crítica histórica o “lugar do qual provêm todas as respostas”, faz falta um lugar que defenda coerentemente tal concepção. Para configurar o “mundo teórico no qual cabem muitos mundos” são imprescindíveis intervenções no plano editorial.

Estamos lutando continuamente com a dificuldade de integrar posições “fundamentalistas” parciais em um projeto universalista e plural. Tampouco é fácil conseguir arrastar celebridades reconhecidas para fora da relação fechada consigo mesmas.

Em uma situação tão precária servimo-nos normalmente, na hora de relativizar diferenças, da regra segundo a qual *a hierarquia é fixada pela problemática e pela intervenção de um pensamento*, antes que pelas opiniões defendidas; não com o objetivo de aceitar sem critério algum qualquer problemática, mas para que a atuação e a perspectiva possam converter-se em objeto de discussão. Por isso insistimos em que se explique como se chega a uma posição, como se expressa, a que crise ou a que conflitos procura responder e que objeções lhe foram feitas.

Até este ponto tudo pode ser expli-

cado quase com neutralidade no que se refere às tendências políticas e escolas acadêmicas, caso se tenha trabalhado bem. A valoração individual tem seu direito e percorre certamente qualquer explicação, porém de modo indireto e respeitando outros argumentos, até que na seção final se possa expressar diretamente a visão e a valoração pessoais. Contudo, é possível encontrar um meio expositivo mediante o qual aqueles que pensam de maneira diferente possam aproximar-se dessa valoração através do próprio fenômeno, ou chegar a este a partir da visão do autor. Por tudo isso cabe empregar a teoria marxista, não só como ciência, mas sobretudo como pensamento dialético e arte política.

Enfim, *autá tà prágmata*, as “coisas mesmas” têm outros níveis. Aprendemos com Marx e Engels que as idéias não têm história. Naturalmente não se discute que haja uma história das idéias, mas o que se quer dizer é que a força impulsionadora dessa história não são de novo idéias, e sim que a história material forma o subtexto da história ideal.

O que significa isto para um dicionário histórico-crítico do marxismo? Como se faz a história de algo que não tem uma história endógena própria e sim que se move na história? E isto não só no caso da água – que com as mudanças de temperatura derrete ou gela ou se transforma em vapor, que o vento arrasta já como nuvem –, mas também com as idéias, que se movem com impulso próprio, como se estivessem providas de uma leve potência histórica.

Não se trata de nenhum historicismo segundo o modelo de Ranke. Com Benja-

min podemos compreender o caráter histórico-materialista de nossa exposição como reação a um “conjunto de perigos que ameaçam tanto o transmitido como o receptor da transmissão”.<sup>3</sup> Falar de *crítica que preserva* ou *crítica salvadora* – “rettende Kritik” – não é para nós um simples modo de falar. Nela, o momento destrutivo da escrita materialista da história, do qual fala Benjamin, é o momento integral, mesmo que isso doa a alguém, dessa preservação-salvação. Hoje nos ameaça novamente o perigo, com toda força, de que o ponto de vista dos vencedores domine e suplante de novo a história dos subalternos e de suas lutas de libertação.

Enquanto respondemos a esse conjunto de perigos, é inevitável que o sujeito passe ao lugar do objeto e este ao daquele. O título *Dicionário histórico-crítico do marxismo* tem já em si mesmo um duplo sentido; *do marxismo* pode ler-se aqui tanto como genitivo objetivo como genitivo subjetivo, quer dizer que marxismo é aqui simultaneamente objeto e atuação, sem que essa ambigüidade possa ser evitada. Em relação com o objeto *marxismo* – ou ainda que seja, de modo menos pretensioso, *teoria marxista* – somos também nós seres “objetuais”, “gegenständliche Wesen”, ou seja, seres que se realizam nessa oposição prático-teórica às relações existentes, que são seu objeto. Aquilo que trazem nas mãos os que produzem o dicionário, tanto os autores como os corretores, redatores e o editor, é uma forma de pensamento de intervenção. Sempre há que lutar contra a tentação de tratar a história como um ensaio para um seminário do último ano de curso, no qual se trata de expor o tema

<sup>3</sup> Cf. *Gesammelte Schriften*, V, p. 594 e seguintes.

corretamente. Não há nada a objetar a um bom seminário avançado e, como num deles, aqui se trata também de dar uma interpretação correta. A interpretação está situada historicamente; está radicada em seu próprio ponto de vista e seu perspectivismo é inevitável. Só que o intérprete deve saber que ele tampouco está protegido de disparates e erros, cuja exposição dá sentido a sua crítica. O papel é paciente, a história em devir não é.

Em maior grau e de modo distinto do que ocorre numa atividade acadêmica, é inerente ao trabalho no dicionário histórico-crítico do marxismo a inquietante dimensão de não estar *por cima de* seu objeto, e sim de estar *nele*. Não retrata simplesmente algo que existe fora dele e sem ele, mas mantém o objeto de seu estudo no presente ou, em certo sentido, chama-o inclusive pela primeira vez à existência ou influi em sua configuração. Isso ocorre precisamente na medida em que – de qualquer modo que seja – algo se converte em um verbete do *Dicionário histórico-crítico*. Que se pense nas centenas de verbetes, como *estupidez na música* (*Dummheit in der Musik*) ou *macaco* (*Affe*), cuja aparição e construção no contexto da teoria marxista dinamitou convenções estabelecidas até o momento.

Levar adiante esse projeto histórico-crítico tem traços de uma loucura passional, que afeta centenas de indivíduos; sim, o que pretende e o que faz tem algo de escandaloso e seria mais inteligente pôr uma máscara como os zapatistas: atreve-se a tomar posição, a incidir no intocável. O mero fato de fazê-lo e de fazê-lo *assim*, supõe entrar em combate, porque marca um caminho, tropeça com

a dimensão, tornada tabu, da *hybris*. Como todas as intervenções desse tipo, a nossa traz consigo certa separação, ao menos na medida em que surge num campo desesperadamente desunido, e na medida em que tem de procurar dividir por sua vez as divisões estabelecidas, cujos efeitos revertem também sobre nosso projeto.

### Produtividade

A pergunta histórico-crítica a respeito do marxismo, com a qual nos aproximamos da história, é produtiva não só em relação a seu objetivo concreto. Exige e faz possível ler a história europeia e cultural e do pensamento de outro modo. Se o compararmos com o *Dicionário histórico da filosofia* de Ritter, isso se vê claramente. Onde este parece trazer material para outro *Final* de Beckett, no DHCM é como se, por meio da pergunta histórico-crítica dirigida aos saberes e práticas marxistas, se fizesse surgir outro universo espiritual, outro mundo político-intelectual, que anteriormente não existia desse modo, nem sequer em alguma das linhas tradicionais do próprio marxismo. Também isto se encontra na perspectiva de Benjamin: partindo do momento histórico de perigo que nos ameaça, tanto a nós quanto à herança que nos chega, a crítica histórico-materialista conduz a uma “crescente condensação (integração) da realidade [...] na qual tudo o que passou (em seu tempo) pode adquirir um grau maior de atualidade do que aquele que teve no momento de seu existir”.<sup>4</sup> Com esta frase, não pouco enigmática e provocativa, concluo, agradecendo-lhes sua inestimável atenção.

<sup>4</sup> l.c.

## APÊNDICE SOBRE O FINANCIAMENTO E A RECEPÇÃO DO DCHM

### Financiamento

A venda cobre os custos de impressão, mas não o gasto imenso com a coordenação, comunicação, tradução, leitura e correção, apesar de a maior parte desse trabalho ser levada a cabo sem retribuição. Na Alemanha todos os pedidos de ajuda até agora foram negados.

Para poder financiar pelo menos minimamente o projeto, fundamos em Berlim, em 1996, o *Instituto de Teoria Crítica (InkriT)*. Foi reconhecido como um centro de interesse geral e serve para *fund-raising* com privilégios fiscais. O Conselho Internacional do InkriT é um reflexo do apoio internacional com que conta o DCHM. Um comentador comparou-o a uma legião de honra do pensamento crítico. Entre seus membros encontram-se sociólogos, historiadores, cientistas da cultura, ecologistas, teóricas feministas e filósofos como Pierre Bourdieu, Eric Hobsbawm, Perry Anderson, Jacques Derrida, Zygmunt Bauman, Donna Haraway, Sandra Harding, Graciela Hierro, Pablo Gonzalez Casanova, Frederic Jameson, Iring Fetscher, Adolfo Sánchez Vásquez, Dorothy Smith, Roberto Schwarz, Roy Medwedew, Immanuel Wallerstein, junto a escritores, dramaturgos e compositores como Carlos Monsiváis, Volker Braun, Dario Fo, Franca Rame, Hans Werner Henze, entre outros. Cada um desses nomes representa um auxílio à recepção e um apoio inestimável.

### Recepção

Todos os grandes jornais em língua alemã dedicaram resenhas aos dois primeiros volumes, desde o *Tagesanzeiger* de Zurique ao *Frankfurter Allgemeine*, passando pelo *Süddeutsche Zeitung*, o *Frankfurter Rundschau* e inclusive o *ZEIT. E*, naturalmente, também o *Neues Deutschland*. O tom da crítica foi extraordinariamente positivo, desde o elogio mais extremo à crítica respeitosa. A venda superou 1.500 exemplares. Os volumes 1 e 3 já estão na segunda edição. Também começou a recepção internacional com resenhas nos EUA, Canadá, Dinamarca e Itália; uma sofisticada revista de filologia clássica de Oxford ressaltava, não desprovida de benevolência, nosso tratamento da filosofia antiga. Em Paris a obra foi apresentada em dois congressos internacionais. As grandes bibliotecas dos países mais ricos do planeta – em especial nos EUA, Canadá e Japão – descubram, uma após outra, que precisam dele. Cabe acrescentar a isso apresentações da obra em todo o mundo; além dos países antes mencionados, também no México, Cuba, Portugal, Brasil, Finlândia, Suécia. Num Congresso celebrado na universidade de Amherst, EUA, a obra que está surgindo foi qualificada de “world-historic”. É possível que “histórico mundial” seja algo mais, porém introduzir na literatura teórica universal e na história do marxismo mundial algo que antes nunca havia existido é justamente do que se trata.

HAUG, Wolfgang Fritz. O projeto do Dicionário histórico-crítico do marxismo. *Crítica Marxista*, São Paulo, Boitempo, v.1, n.10, 2000, p. 146-156.

**Palavras-chave:** Dicionário do marxismo; História crítica; Marxismo.